

GRUPO DE TEATRO VALKÍRIAS

SUB VER SIVAS

Dramaturgia de Annalies Borges

SUBVERSIVAS

Personagens:

Velha

Mãe

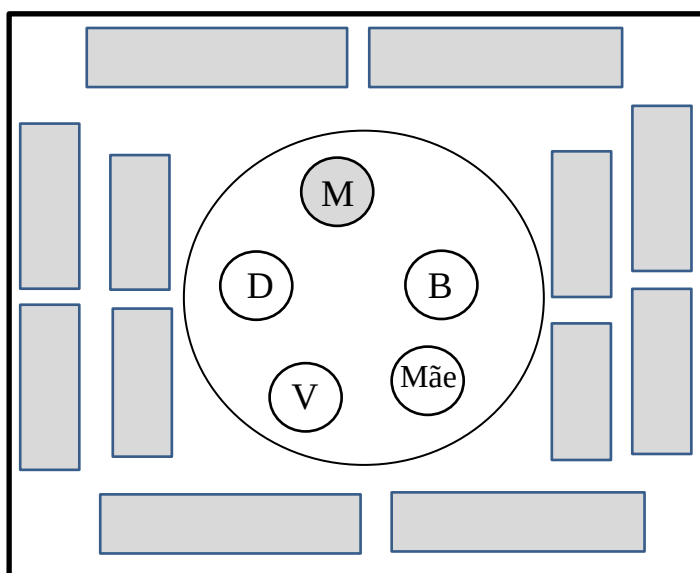
Donzela

Bruxa

Anciã

ABERTURA – *Locus 1*

No espaço, quatro lençóis grandes e brancos cobrem quatro corpos sem formas definidas. Luz aberta na sala, com mudança no centro, onde se encontram as quatro formas cobertas. Ao redor, há bancos metálicos dispostos como se complementassem o espaço cênico dentro da caixa. Do lado esquerdo, na parte alta dessa caixa, há um ponto chamado observatório. Nele ficará um observador, responsável por monitorar o local e também pela sonoplastia da cena, bem como pela vigilância do relógio, o cumprimento dos deveres.



Legenda:

M – Musicista

Mãe

D – Donzela

V – Velha

B - Bruxa

PRIMEIRO ATO

CENA 1 – Despertar da rotina – Velha e Mãe

O espaço cênico representa o Observatório. A disposição é geometricamente quadrada. Um espaço de confinamento, simetricamente organizado, minimalistamente composto e limpo, metálico.

Como contraste, há quatro objetos (ou corpos?) organizados de forma circular em relação uns aos outros, equidistantes, embaixo de lenços compridos e brancos.

Quatro mulheres encontram-se sentadas embaixo desses lenços. Seus corpos estão completamente cobertos. Cada uma delas começa a emitir sons que se contrastam aos sons metálicos que vêm do canto esquerdo superior (como se fossem bipes de monitoração) advindos de uma figura mais isolada (observador, que parece controlar o espaço, as ações, numa espécie de monitoramento).

Aos poucos, essas mulheres começam ações contínuas. Os movimentos variam de intensidade, enquanto ao fundo um som repetitivo preenche a cena, como se marcasse o tempo. Em determinado momento, quando a intensidade das vozes se sobrepõe ao elemento de marcar o tempo, sobrepõe-se a tudo um som mais forte, metálico e muito alto, e elas param. O tique-taque ou som pendular retoma e, com ele, os movimentos contínuos, numa sensação de angústia que deve vir num crescente.

A luz geral apaga e a luz do quadrado baixa.

Focos nos quatro corpos cobertos.

Subitamente, ouve-se som de água corrente. As vozes cessam e ouve-se uma melodia dedilhada.

A Velha, lentamente, descobre-se e inicia uma série de ações indicativas de sua rotina de atividades. Ela usa uma saia longa, cheia de remendos, como uma colcha de retalhos, não muito franzida, pouco colorida. Acocorada, ela começa a se deslocar, mexe em varais, onde estão dependurados alguns utensílios de uma rotina de dona de casa. Todos os utensílios são extremamente limpos e metálicos.

A música segue dedilhada e a Velha começa a vocalizar ou murmurar como se quisesse acompanhá-la. Pega alguns utensílios e inicia uma rotina de limpeza e organização. Em meio a resmungos e ao som dos afazeres, ela inicia uma canção que é acompanhada pelo dedilhar.

VELHA

(Letra: Annalies Borges. Melodia e arranjo: Katiely Passos)

Ôôôô... Quem vai chegar?
Ôôôô... Quem vem de longe?
Ôôôô... Quem vai ficar?
Ôôôô... Quem vem? Responde...
Ôôôô... Quem vai falar?
Quem é você?
Qual o seu nome?
Ninguém te vê.
O que você esconde?

(De um dos lenços outra mulher emerge, como despertada pelo som. Observa as ações da Velha que prossegue agora murmurando a música sem palavras).

MÃE (aproximando-se da Velha e se oferece a ajudar): E agora você também canta? De onde veio isso?

(A Velha não responde e segue sua rotina. Mãe observa o canto superior esquerdo do palco e segue ajudando a Velha)

MÃE: Há dias estamos só nós duas aqui nesses afazeres. Estou cansada... Somente nós fazendo as coisas, as mesmas coisas. Todos os dias nesse horário paramos aqui para fazer as mesmas coisas e não saímos daqui para nada.

VELHA (mostra a vasilha limpa para a Mãe e ri baixinho, orgulhosa de seu trabalho): Veja como estão limpas. (Levanta-se para guardar no varal e traz outra igualmente limpa para limpar)

MÃE (para por um momento, observa ao redor): E quando será que elas vão acordar. Já passa das 5 badaladas. Que preguiçosas!

VELHA (resmungando): Arre! Faz silêncio! Que elas já devem chegar.

(Som marcando o tempo se intensifica e sobrepõe-se por 5 vezes)

MÃE: Não disse? Já passa das 5 badaladas e nada. Não sei como conseguem. Aliás, não sei como você também consegue. Nós aqui, nessa constante espera. Nessa rotina morna, sem fim!

VELHA (resmungando e levantando para guardar a vasilha e buscar outra): Você devia confiar mais nos homens e nas tradições. Aqui estamos salvas e guardadas.

MÃE: Mas de quê? Eu nem me lembro mais. Tenho a sensação de que me escondem algo...

VELHA (incrédula): Mas que besteira!

MÃE: E eu andei pensando... Quem?! Quem deu a eles esse poder, essa sabedoria?!

(Sons metálicos aumentam)

VELHA: Shiiii! Faz silêncio que senão eles se zangam.

CENA 2 – Despertar das fissuras - Donzela

(De outro lenço, surge a Donzela como se despertasse angustiada, tentando se desvencilhar do tecido que a cobre)

DONZELA: Que calor insuportável!!! Esse tecido me aperta, sufoca! Que suplício!

(Velha e Mãe observam o acordar da Donzela, que se desvencilha do tecido. Velha volta aos afazeres e aos seus suaves resmungos. Mãe guarda a vasilha e volta a observar a Donzela)

MÃE: A Bela Dorminhoca despertou? (irônica) Que bonito!

DONZELA (surpresa): Já está tarde?

MÃE: Já passam das 5 badaladas. Pegue! (entrega-lhe uma vasilha) É sua vez! Você é jovem e está disposta.

DONZELA: Então, já deve ser perto das 6 badaladas noturnas! (olha a vasilha e se aproxima da Velha)

(A Velha caminha lentamente de volta ao local onde deixou suas vasilhas. Senta, procura algo numa vasilha fechada, como se fosse um alimento prensado, e começa a fazer uma refeição. Em seguida para, como se divagasse, mas retorna à ação de comer.)

DONZELA (para a Velha): Quanto tempo falta para anoitecer? (Espera um instante, mas como não ouve resposta, continua) Oi!! (Pausa) Está me ouvindo?

(A Velha termina sua refeição e volta ao local onde estava, iniciando o processo de sua rotina. A Donzela a segue, como se quisesse sua atenção.)

DONZELA (Aproximando-se da Velha, que parece ignorá-la): Oi!!! (Pausa) Ei! Você! (Para a Velha) Você tá me ouvindo? (Pausa) Por que você não responde? (Pausa) Por que você não fala nada comigo?

(Mãe está próxima ao varal do outro lado da cena, onde se encontram penduradas vassouras, panos e alguns pequenos baús. Ela pega uma das vassouras e inicia a limpeza. Quando passa perto do outro lenço, se afasta, como se levasse um choque. Volta a observar a Donzela que insiste em conversar)

DONZELA (para a Mãe): Oi!! Você sabe se está perto de anoitecer?

MÃE: Que diferença faz isso aqui, menina?

DONZELA: É tão lindo ver as estrelas... Madrugada a dentro, lua alta... Tão lindo lá fora.

VELHA (ri num resmungo, com ironia): Que besteira besta! (E volta à limpeza de suas vasilhas)

DONZELA: Ah! Aí está ela. Ela fala! (sorri, guarda uma vasilha e se aproxima da Velha que segue se desvencilhando e fazendo sua rotina) Sabe, Velha, eu ouvi dizer que para além dos véus há outras, muitas! E tão diferentes de nós! Dizem que lá, na terceira noite de lua farta, elas acendem brasas e dançam (rodopia) até os pés se cansarem.

MÃE: Agora você deu para sonhar, foi? Nunca saímos daqui.

DONZELA: Mas é verdade! Não é, Velha? Você deve lembrar. Tem mais tempo que nós e conheceu lá fora.

(Velha desvia e Donzela se interpõe)

DONZELA (para na frente da Velha, que desvia): Engraçado... Por que você não para de fazer essas coisas?

VELHA (entre resmungos): Este é o meu papel. Ordenar. Deixar tudo em ordem.

DONZELA: Ordem? Pra quê? Pra quem?

(Velha volta às suas ações)

DONZELA (para a Velha): Ei! Por que não responde a nada que eu pergunto, hein? Me diz, então, ao menos onde estamos? Que lugar é esse? Hein? (Pausa. Olha ao redor) Oi!!! Tem mais alguém aqui?!

VELHA: Shiii!! (Olha ao redor e resmunga)

DONZELA (para a Velha): Eu não tenho medo de você, sabia? Aliás, eu não tenho medo de nada. Nem do escuro. Minha vó me ensinou, desde pequena, que os monstros na madrugada eram sombras dos objetos. Que os barulhos que cortavam a calma da noite eram os tacos do chão, contorcendo-se contra o tempo que os enrugava. Grande mulher, minha avó!

(A Velha segue em seus afazeres agora somente resmungando enquanto tenta se esquivar da Donzela que insiste em se colocar em seu caminho).

DONZELA (mudando as coisas da Velha de lugar, enquanto segue falando): Ela era parteira. Mas muito mal quista pelos homens da igreja. Aquilo que ela fazia era de Deus? Pra que tantas ervas e tanta reza? Pra quebrar o quê? Crendices de gente caduca, diziam.

MÃE: Ai, ai... Começou a invenção de histórias... (Segue varrendo)

DONZELA: Mas é verdade! E aí vieram uns médicos que sabiam de muita coisa, mas não sabiam do corpo da mulher não. Minha vó pulava muros pra salvar as mães mais pobres. Enfrentava gente poderosa. (Pausa) Mas nem sempre foi assim... Houve um tempo em que ela entrava pela porta da frente e trazia criança pro mundo sem receio de fugir da cruz ou da espada. Mas os novos modos e as velhas perseguições chegaram. E o jeito foi criar asas nos pés. E ela criou.

(Donzela para na frente da Velha e segura uma das vasilhas que ela ia levar para o lugar de onde tinha sido tirada. Elas se encaram.)

DONZELA: Acho que ela deve ter a sua idade... Você me ouviu? (Velha tenta sair do lugar num resmungo) Por que você não para?! Por que você não deixa isso no lugar que eu coloquei? (Pausa) Por que você não fala comigo? Eu ouvi você cantando! Eu ouvi! Você ficou muda de repente? Por que você não responde?!

(Donzela derruba o utensílio no chão. As duas se olham. A Velha pega a vasilha. Encara a Donzela).

VELHA: Você fala demais. (Pausa). Por que você não se cala de vez em quando?

MÃE (para a Donzela): Você é muito nova mesmo... (Pausa) A Velha tem razão. Você fala demais. Pergunta demais.

DONZELA: Quero saber que lugar é esse e por que estou aqui.

MÃE: Se continuar assim, homem nenhum vai te querer pra esposa. Homem não suporta mulher que fale sem parar.

DONZELA: E quem disse que eu quero me casar?

MÃE (aproximando-se da Donzela): Hum... Você é jovem e tem lâminas afiadas na ponta da língua, mas, se está aqui, é porque falou demais. (Pausa) Ou fez algo que não devia.

DONZELA (em brado): Eu não devo nada a ninguém! (Pausa) Mas não consigo lembrar de muita coisa. Lembro do escuro... Lembro de ter enfrentado alguém...

MÃE: Alguém que te mandou pra cá por você ser muito atrevida.

DONZELA: Que importa isso? Quero saber onde estou? E que lugar é esse?

MÃE: Importa saber por que você está aqui. Você sabe?

DONZELA (aponta para a Velha): Ela deve saber. Ela disse que está aqui para pôr tudo em ordem. Ela deve saber.

VELHA (resmungando): Que besteira! Vamos voltar às costuras, que o tempo é feito pra tear.

MÃE (reflexiva): E esperar...

DONZELA (para a Mãe): E você? Por que você veio pra cá?

MÃE: Eu? (como se buscasse da memória) Eu... (Pausa) Acho que não tive escolha.

DONZELA: Mas é claro que teve escolha. Sempre temos escolha. Veja ela. (aponta para a Velha) Ela pode parar quando quiser, mas escolhe continuar arrumando, arrumando. E por quê? Para quê?

VELHA (Num sussurro, cansado): Eu já passei. (Pausa) Já abri caminhos. (Pausa) Já não estou. Quase nem sou.

(A Mãe inicia as ações de colocar as vasilhas em ordem, dando continuidade ao que a Velha iniciara. Donzela se interpõe, retirando tudo do lugar).

DONZELA: Então, é isso? Vocês estão aqui porque querem? Parece que estão conformadas com essa bolha, com esse silêncio, com essa rotina sem sentido!

MÃE (para a Donzela): Olha, menina, se você não tem o que fazer, tenho eu. Tenho mais o que fazer. Parece injusto, eu sei. Principalmente para quem foi injustiçada.

DONZELA (exaltando-se num crescente como se lembrasse): Pois eu não calo pra ninguém que não saiba agir de acordo com a justiça. Muito menos pra quem esconde de nós verdades sobre nossos destinos. Que apedrejam, julgam, condenam e matam pelo simples fato de se ter uma nova voz no meio dessa selva de silêncios! (Pausa) Mas que raios de lugar é esse?!

(Som metálico cresce. O ritmo é acelerado e ameaçador. Velha e Mãe se olham. O som vai aumentando o volume, sobrepondo-se ao já compassado e fraco marcar do tempo. Velha corre para o lugar onde estava o lenço que cobria a Donzela, pega-o e a cobre com a ajuda da Mãe. A Donzela se debate em vão. Aos poucos, o som vai diminuindo o volume e a cadência como se se distanciasse. Permanece apenas o compasso do tempo)

VELHA (para a Donzela): Shiiii!

(Velha se afasta deixando apenas a Mãe segurando a Donzela).

MÃE: Já passou. Já se foi. Mas você deve prometer que vai se acalmar um pouco antes de eu lhe soltar.

(Mãe solta a Donzela. A Velha volta com suas ações, agora com movimentos reduzidos. A Mãe descobre a Donzela. Olha em volta. Hesita para iniciar suas ações, olhando para a bacia metálica. Ela respira fundo, encaminha-se para seu espaço e inicia, com energia, mas mecanicamente, suas ações. Primeiro dobra o lenço que cobria a Donzela e põe num canto. Depois, seca vasilhas/bacias metálicas que estão perto, num cantarolar murmurado).

DONZELA (aproximando-se da Mãe): O que foi isso? O que foi esse barulho?

MÃE: É sempre assim quando alguma de nós fala mais alto. Parecem aves de rapina. À surdina. De repente. Sempre atentos para o ataque.

DONZELA: Foram eles que nos prenderam aqui?

MÃE (Reflete, enquanto segue com suas ações): O homem em tudo vê injustiça e odeia o próximo quando com ele topa, indiferente se a dor lhe ruma as vísceras.

DONZELA (Insiste): Foram eles que nos prenderam aqui?

MÃE: Quem disse que estamos presas?

DONZELA: É o que parece, não é? (Pausa) Você ainda não me disse porque veio pra cá...

MÃE: Escute, menina. Escute bem. Me diziam e eu ouvi atentamente: “Mulher, se há concordância entre o casal, a paz no lar é plena”. Por isso, sempre me pus solícita, jamais em discordância com meu homem. Viveria em paz com meus filhos. Mas o amor... adocece... Deixo o lar, eu pensei, pra evitar que línguas vis me agredam. Gente soberba é o que não falta nessa terra de algoz.

DONZELA: Então está aqui por querer?

MÃE: Fui expulsa! Eu nunca quis essa vida. Meus sonhos não eram acabar assim, com uma bacia.

(O som de 6 badaladas se faz presente)

DONZELA (animando-se): É o som das 6 badaladas noturnas!! É noite! (rodopia ao som das badaladas) Madrugada a dentro... Já estou indo!!

(Um som de risadas abafadas começa a vir de dentro da cena. A última mulher que estava coberta começa a se mover e soltar gargalhadas contidas. Mãe e Velha se observam).

DONZELA (para e olha de onde vem as risadas): Há mais alguém aqui?

CENA 3 – Despertar da epifania - Bruxa

(Mãe e Velha se olham. Parecem apreensivas).

MÃE: Será possível? Depois de todo esse tempo?

(Velha levanta-se num resmungo, pega outro lenço)

DONZELA (para a Velha): O que você vai fazer?

(Velha se encaminha para onde está a quarta mulher).

DONZELA: Não! Não faça isso! (para a Mãe) Vai deixá-la fazer isso?

MÃE: Eu já tenho meus próprios problemas.

DONZELA: Não acredito. Ela vai sufocar! Não deixe que a Velha faça isso!

MÃE: Já disse a você. Tenho mais o que fazer.

DONZELA: Você falando assim nem parece que já foi mãe um dia.

(Mãe para o que estava fazendo em sua rotina. Aproxima-se da Donzela).

MÃE: O que você disse?

DONZELA: Desculpe... Não sei bem o que disse... Nem por que disse.

MÃE: Você me conhece?

DONZELA: Não tenho certeza.

(Elas se observam caladas por um tempo)

MÃE: Não... Você está perdida. Tanto quanto eu. A diferença é que eu escuto. Você não. (Pausa) Tique-taque. Tique-taque. Tique-taque. O tempo é nosso aliado? (Pausa) O tempo

não é aliado da mulher. (Volta para sua vassoura e rotina) Eu tenho o que fazer. Tenho muito o que fazer.

(Velha e Mãe prosseguem nos afazeres. Por um instante, tudo que se ouve é o barulho proporcionado pelas ações das duas).

(Donzela se levanta e começa a agir como se estivesse colhendo flores imaginárias. Ela inicia bem baixinho uma música, que começa a ser acompanhada por um instrumento fora da cena).

DONZELA

Reloj de campana,
tócame las horas
Reloj de campana,
tócame las horas

Para que despierten
las mujeres todas
Para que despierten
las mujeres todas

(A quarta mulher escondida por debaixo dos lenços se mexe, retirando-os com dificuldade. Começa a acompanhar a música num vocalize. DONZELA percebe e se aproxima dela, sem que as outras percebam, e a ajuda a retirar os lenços que a cobriam. Ambas começam a cantar a música e pegam instrumentos percussivos para acompanhamento).

DONZELA E BRUXA

(Reloj de Campana - Música tradicional da Espanha – sem autoria específica)

Reloj de campana,
tócame las horas
Reloj de campana,
tócame las horas

Para que despierten
las mujeres todas
Para que despierten
las mujeres todas

Porque si despiertan
todas las mujeres
Porque si despiertan
todas las mujeres

Irán recobrando
sus grandes poderes
Irán recobrando
sus grandes poderes

(Velha e Mãe percebem a algazarra das outras duas que já estão dançando e cantando ao redor do espaço. Mãe para e observa. Velha levanta-se curiosamente ágil e separa as duas com um empurrão).

VELHA: Caladas!!

(Cessa a canção. Todas se observam).

VELHA (para a Bruxa): Quem mandou você tirar o véu?! (para a Donzela) E você? De onde veio esse canto?

DONZELA: Foi... Foi minha vó que me ensinou.

VELHA: Shiii!! Mas que menina tola! Cale a boca! Já disse!

DONZELA (aborrecida): Já estou cansada disso aqui! Não se pode falar, não se pode perguntar, não se pode pensar nem cantar nem dançar. Nada! Tudo que vocês fazem é esperar. Esperar.

VELHA: Que besteira! Vamos voltar à rotina, que o tempo é de limpar, ordenar. E esperar.

MÃE: Tempo de vigília... Resta saber quem está sendo vigiado.

VELHA (para a Mãe): Você também não comece. Está hesitando? Não confia no que dizem as tradições?

BRUXA: Quais tradições, Velha?

VELHA: As mesmas que nos mantém a salvo há anos.

BRUXA: E quem criou essas tradições? Já disse a elas?

VELHA (para a Bruxa): Você acabou de acordar e já quer quebrar as regras? Já que eles voltam e aí eu quero ver...

BRUXA: Disse a elas por que estão aqui? Elas se lembram?

VELHA: Eu me lembro. Estão aqui para passar o tempo. E aprender.

BRUXA: Estão aqui para que o tempo passe, é verdade. Mas não vão aprender nada se não lembrarem.

VELHA: Cale-se, sua Bruxa!

BRUXA: Por que não diz a elas que estamos aqui pra sermos esquecidas! Assim como você também!

VELHA: É mentira! Eu sou a dona desse lugar!

BRUXA (zombando): Que iludida... Você só repete o que lhe disseram. Você diz sim para tudo.

MÃE: Num ato de doar-se...

DONZELA: Num ato de anular-se...

BRUXA: Tão louvável! Sempre certo. Cada coisa em seu lugar. Educada pra cuidar e servir. Bem criada. Criada. E muda. Sem vaidades. Quem melhor pra vigiar?

VELHA (para a Bruxa): Você não é nada. Você é a sarjeta.

BRUXA (para a Donzela): Sabe, menina, você está certa. O que você ouviu em sonhos é verdade. É noite! E lá fora belas e livres mulheres estão dançando à luz da lua, celebrando seu sangue, seu sexo, seu ventre brotando de desejos!

VELHA (para a Bruxa): É por isso que você está aqui! Te trouxeram pra cá porque você está doente! E devia ficar longe de nós. Vai nos contaminar!

DONZELA (para a Velha): Então, você sabe quem nos trouxe pra cá? Por que estamos aqui?

VELHA: Não vou responder.

DONZELA: Então, me diga: como eu saio daqui?

VELHA: Vocês não vão sair. Enquanto não passar a doença, vocês não vão sair.

(Velha pega um lenço e cobre a Bruxa, que cai no chão. Barulhos de sons metálicos reiniciam e vão ficando mais fortes ao longo da cena. Donzela corre ao redor, procurando uma saída, mas não encontra. Mãe observa a cena ao longe).

VELHA: Já disse. Se tiverem paciência, tudo se resolve. Eu sou paciente... Estou aqui e, pacientemente, aguardo o momento.

(Bruxa solta um gemido).

DONZELA (Para Velha): Ela está sofrendo, não vê? Faça alguma coisa.

VELHA: Ela não aprendeu a ter paciência.

BRUXA (soltando um grito de dor enquanto tira o lenço): Ainda dói minha pele. Queimam pedaços de madeira que aderiram à minha alma. Como são maus os homens.

MÃE (apreensiva): Se ela continuar falando alto assim, pode chamar a atenção.

BRUXA: Eu fui queimada. Nós fomos. Por não ser compreendida. Por ter mais conhecimento. Por saber tratar e cuidar. Essa trama da história que dá ao homem um protagonismo injusto não é mais que isso, uma trama. Pois nós não somos pedaços do

homem. Nós somos pedaços de luz e vida. Não somos Evas e Amélias. Somos também Salomé e Dalilas a exigir-lhes, dos homens, a cabeça ou cortá-las.

VELHA: Cale-se! Você está presa aqui como as outras. Vocês agora pertencem a esse mundo.

BRUXA: É preciso lembrar!

(Som metálicos se intensificam).

MÃE: Eles estão vindo! Estão chegando...

VELHA: Eu avisei.

DONZELA: Eles quem?

BRUXA: Vocês não têm coragem. Vocês precisam umas das outras pra sair daqui.

(Blackout. Barulho de flauta estridente e crepitar. Vozes na escuridão).

DONZELA: Por que estamos aqui?

VELHA: Um sinal dos tempos.

DONZELA: Qual é a saída?

MÃE: Eu esqueci.

BRUXA: Quem são vocês?

VELHA: Eu sou a espera.

BRUXA: Eu tenho a terra.

MÃE: Eu não fiz nada errado!

BRUXA: A saída é a nossa coragem!

CENA 4 – Recordações e caminhos

(Luzes na cena. No espaço do Locus 1 estão apenas a Mãe, a Donzela e a Bruxa).

BRUXA: Vocês estão bem?

(Ouve-se o som de 7 badaladas. Mãe levanta-se de um canto em que estava encolhida e vai até o espaço em que a Velha fazia as ações de lavar e guardar as bacias. Aos poucos, ela assume a rotina da Velha. Donzela observa espantada. Bruxa começa a procurar por algo entre os lenços)

DONZELA (para a Mãe): Onde ela está?

MÃE (aponta para a vassoura): Vá, pegue a vassoura. Faça sua parte.

(Donzela se encaminha automaticamente para onde está a vassoura e inicia a rotina, mas para horrorizada e larga-a no chão)

DONZELA (aproxima-se da Mãe, indignada): Onde ela está?

(Mãe segue a rotina, ignorando a Donzela)

DONZELA (para a Mãe): Você não percebeu?

(Mãe prossegue limpando as bacias da mesma forma que a Velha fazia e Donzela se interpõe)

DONZELA: Mas o que está acontecendo com você? Vamos, responda! Não quer nem saber onde ela está?

BRUXA: Eles a levaram...

MÃE (como se ouvisse uma voz distante): Levaram?

DONZELA: E para onde ela foi?

BRUXA: O tempo dela passou.

DONZELA: Quem são eles? E pra onde a levaram?

BRUXA (olha ao redor): Vejam... Há outras por perto. Devem ter sido trazidas pra serem protegidas do “mal”, da “doença”. Estou farta disso! Precisamos sair daqui!

MÃE (como se estivesse saindo de um transe, observa as mulheres da plateia): Foi tudo tão rápido... E agora já são tantas... Tantas outras chegando.

DONZELA: Mas e elas? O que elas fizeram?

BRUXA: Já disse. Estão sendo protegidas da “doença”.

DONZELA: Mas que doença?

BRUXA: Exatamente. Essa é a questão. É preciso ter feito alguma coisa pra que lhe apontem o dedo?

MÃE (despertando, solta a bacia no chão): Pra que expulsem de nosso chão?

BRUXA: Pra que cacem, aprisionem, exterminem?

MÃE: Basta um instante. Se o medo surge, a reação é imediata.

BRUXA (para a Donzela): Você vê agora, menina! Consegue entender? Isso não é um lugar de proteção. É o que querem que pensemos. Cada uma de nós em seu afazer diário e limpo. Pra quê?

DONZELA: Para nos fazer esquecer...

BRUXA: Por isso, nós precisamos agir antes que eles voltem!

DONZELA: Sim, precisamos agir. Deve ter alguma pista de como sair daqui.

BRUXA: Pois vamos procurar. (Olha para as duas) Vamos, me ajudem a procurar.

(Todas começam a procurar pistas pelo espaço.)

MÃE: Aqui não tem muito o que procurar. Só bacias e panos e vazios...

DONZELA: Deve ter algo nas coisas da Velha. Algo que nos dê um sinal.

(Donzela procura freneticamente entre os pertences da Velha, até que acha um baú. Mas está trancado).

DONZELA: Vejam, um baú, mas está fechado. E parece que não tem a chave.

BRUXA: Ela deve estar escondida em algum lugar também. Por que a velha guardaria um baú sem chave?

MÃE (encontra entre as bacias do varal mais três baús pendurados): Há mais três aqui.

(Cada uma delas pega um baú)

MÃE: Estes estão abertos. Aqui tem escritos envelhecidos.

DONZELA (abrindo outro baú): Aqui também. (entrega o que parecem cartas envelhecidas e escritas à mão para a Bruxa) Você pode ler?

BRUXA (devolvendo-as): Não sei ler.

DONZELA (entrega-as para a Mãe): Você pode?

MÃE (esquivando-se): Eu? Prefiro não. (Para a Donzela) E por que você não lê?

DONZELA: Eu... Não lembro ao certo como fazer...

(DONZELA vira-se para o público e procura uma mulher para entregar-lhe a carta e pedir para que leia).

DONZELA: Você pode ler pra mim? (Aguarda resposta. Se após a terceira tentativa, não houver quem leia, a Mãe lê)

CARTA

Escuto, de forma desordenada, o chamado de minhas ancestrais silenciadas. Há mais por essas veredas do que esperar, do alto da torre, surgir um cavalo branco comandado pela figura reluzente de um de nossos algozes. Por isso, eu busco. E ouço num ritmo incessante e abafado os tambores. Selvagem, a primeira dentre todas e, junto a ela, tantas outras. São nossas memórias. São nossas histórias. Nossa sagrada e profana essência de mulher.

(DONZELA agradece e se volta para as outras).

DONZELA: Vocês entenderam?

MÃE: Parecem lembranças...

BRUXA: Parecem desejos...

DONZELA: Devem ser lembranças nossas.

MÃE (levemente apreensiva): Nossas memórias?

(Bruxa abre o terceiro baú).

BRUXA: Olhem! Nesse baú, tem... areia? (começa a remexer entre a areia do baú e encontra uma chave). Vejam! Uma chave escondida!

DONZELA: Deve ser do outro baú!

(Bruxa vai até onde o baú da Velha estava e abre. Ao fazer isso, um foco de luz, como se delimitasse uma porta no chão, acende-se no centro do espaço. Uma variante possível é também criar um corredor de luz para fora do palco)

MÃE: É um sinal. Um caminho. A Velha nos deixou a pista, afinal.

BRUXA: Se ficarmos aqui, vamos acabar como ela.

DONZELA: Não. Não quero passar o dia lavando bacias. Ou aprisionando outras de nós.

BRUXA: Então, vamos partir!

MÃE (levemente apreensiva): Mas pra onde? De onde eu vim, penso que fui expulsa.

BRUXA: Ficar aqui é que não podemos, pois eles podem voltar. Vamos seguir o caminho!

DONZELA: Mas o que faremos com todas essas cartas? Vamos deixar aqui pra se perderem?

BRUXA: Podemos entregar a elas, que estão chegando, pra que não se percam!

DONZELA: Pra que nos encontrem no caminho!

(Donzela pega algumas cartas, enrola-as e começa a entregá-las às mulheres da plateia. É ajudada pela Bruxa e a Mãe, aos poucos, também faz o mesmo. Enquanto essa ação ocorre, um dedilhar de violão inicia uma música que será cantada pelas três em cena)

MÚSICA
(Letra e melodia de Katiely Passos)

Levantam-se de todas as direções
E rompem silêncios mofados, envelhecidos
A palavra é uma faca!
Despedaça estruturas de poder
Com chamas nos olhos
Como nossas ancestrais
Canto e danço ao vento
Assento-me junto aos iguais

Eu vou!
Não retrocedo!
Não retrocedo!
O tempo é de caminhar
Eu vou!
Não retrocedo! (Eu vou)
Não retrocedo! (Eu vou)
Histórias recontar

(Após as cartas serem entregues, elas encerram a música. Sons metálicos voltam a reverberar. Donzela e Mãe se entreolham apreensivas).

DONZELA: Eles estão voltando.

MÃE: Vamos sair rápido!

DONZELA (aponta para as mulheres da plateia): E as outras?

BRUXA: Podem vir conosco se quiserem.

DONZELA (chamando as mulheres): Venham!

(O foco de luz muda e vira um corredor para a saída do palco em direção ao lado de fora. As três saem de cena junto com a plateia que as acompanhar, enquanto o som metálico se mistura ao som de tambores que se sobrepõem)

Fim do primeiro ato

ENTREATO – A Fuga

Mudança de cenário. Donzela, Bruxa e Mãe fogem do Locus 1. Ao som dos tambores e de sons metálicos que a perseguem, elas cantam e fogem. A ideia é que se altere o cenário nesse momento de fuga. Pode haver um deslocamento do público.

Proposta 1: Deslocamento no espaço cênico, durante a fuga, para que se possa ter o cenário alterado. Pode-se usar outros espaços do Teatro ou mesmo fechando as cortinas, o importante é que, no retorno, as mulheres do público estejam na parte interna da cena e os homens apenas observando mais distantes.

Proposta 2: A mudança pode ser feita na cena, pelas atrizes alterando o cenário e concentrando-se na alteração de disposição do público.

MÚSICA

(Letra de Annalies Borges e Katiely Passos. Melodia: Katiely Passos)

Desço suavemente após a fuga.
E aconchego à terra quente num abraço
Me absorve e se enrosca às raízes

Deixo-me sentir
Corpo-pipa-pluma
Sou terra vasta e nesse chão se pode germinar
Serpenteando valas e brotando caminhos
Rasgando as tantas rochas artificiais

Sangue jorrado no chão
Sob a ciência do mar
Desancorando as máculas
Da nova vida que vou alcançar

(Enquanto ocorre a fuga, as atrizes pedem que cada mulher que as acompanhou coloque em um papel alguma lembrança a ser compartilhada. Elas guardam nos baús que levam consigo. Numa troca de memórias)

SEGUNDO ATO

CENA 1 – Clareira/ Ciranda das Mulheres sábias

Locus 2 – O espaço cênico é uma clareira no meio da natureza viva. Se possível, deve conter tochas de fogo formando um de um círculo. Do alto ou no canto esquerdo do palco, deve haver algo que lembre uma árvore. Nela, as folhas devem ser compostas por palavras penduradas nos galhos. A Árvore das Palavras. O chão pode ser do piso do local ou com terra batida. No centro da clareira, uma anciã está sentada. Ela está terminando de arrumar copinhos de barro com café. Ao redor, há um leve aroma de incenso.

(Mãe, Donzela e Bruxa entram na clareira, hesitantes, e se aproximam da Anciã.)

MÃE (olhando em volta, surpresa): Que lugar é este?

DONZELA: Sinto algo diferente, como se algo pulsante estivesse nos conectando a tudo.

(Silêncio. Todas se olham e o único som é o crepitar do fogo. A Anciã olha para todas).

ANCIÃ: Bem vindas, minhas irmãs. Vocês vieram de longe, onde o som do relógio marca o tempo, mas também seus passos, seus dias. Não foi?

MÃE (desconfiada): Como sabe de onde viemos?

ANCIÃ: Faz muito tempo... Essa clareira era espaço de conversa, de trançar os cabelos, de danças, de fugas, de compartilhar segredos. Nos campos temperados, nas matas tropicais, nos jardins antigos, sempre houve um espaço secreto. Só nosso. Mas faz muito tempo que estou só... (ri) Aceitam um café? (Oferece a elas e a outras da plateia)

MÃE: Então, não fomos as únicas a passar por aqui?

ANCIÃ: Nem as primeiras!

DONZELA (para a Mãe): Eu disse que existiam outras!

ANCIÃ: Nesta clareira sagrada, onde o poder ancestral ecoa em cada sopro do vento, nos encontramos aqui para trilhar o caminho da redescoberta.

DONZELA (curiosa): O que aconteceu com nossa memória? Por que nos esquecemos de quem somos?

BRUXA: Nos perdemos... e esquecemos.

ANCIÃ: Fomos silenciadas e subjugadas. Nosso poder foi cerceado. Nossas vozes... Desapareceram como se pra existir precisássemos esquecer quem somos. O fogo ancestral que arde em nossos corações...

BRUXA: Foi apagado.

ANCIÃ (levanta rapidamente): Hum... Acho que vocês ainda estão muito presas ao caminho. Vieram em linha reta, não foi? (Ri) Mas vejo que não vieram sozinhas (olha para os baús).

BRUXA: Fala dos baús?

ANCIÃ: Falo do que tem dentro deles.

DONZELA: Trouxemos vozes que encontramos no caminho.

BRUXA: Podemos deixar aqui em segredo?

ANCIÃ: Com zelo e cuidado, guardaremos esses pedacinhos de vida. Por enquanto, me ajudem a colocar perto da Árvore.

MÃE (para Donzela e Bruxa): Não é arriscado? Talvez a gente não deva guardar nem ficar aqui. É perto. Podemos ir para mais longe.

BRUXA: Mas ela nos acolheu.

MÃE: E se ela for como a outra? Como podemos confiar?

ANCIÃ: Hum... Sinto que ainda há muito a ser deixado para trás e muito a ser reencontrado num futuro... próximo. Cada uma a seu tempo... Vou contar uma história pra vocês? Minha irmã dizia que tudo na vida se resolve numa boa roda de tambor. Mas sozinha fazer batuque não tem graça.

(Durante a fala anterior, Anciã e Donzela guardam os baús e, em seguida, Anciã pega alguns instrumentos percussivos que estão perto da árvore e entrega a cada uma delas)

MÃE: Mas, se fizermos barulho, eles vão se zangar e nos desaparecer!

ANCIÃ: Eles? (Gargalha marotamente) Quero ver eles terem coragem de invadir esse lugar! Vamos, mulheres, vocês precisam mexer esses quadris, soltar essas bacias. (Fazendo troça) Hiii... Ainda lembram como mexer esse corpo, tirar essa poeira da alma?

(Timidamente todas começam uma roda de música e dança que logo vira um grande momento de cumplicidade entre todas. Pode haver um convite para que outras mulheres entrem na roda.)

MÚSICA

(Ritmo de Coco inspirado na música Xô, xô, meu sabiá de Selma do Coco e letra de Annalies Borges, baseada em trecho da ciranda feminista)

Xô, xô, meu sabiá! (4x)
Companheira me ajuda, que eu não ando só,
Eu sozinha me perco, andar junto é melhor
E na roda girando o corpo eu vou bem
Nossos pés levantando a poeira que vem
Xô, xô, meu sabiá! (4x)

(No meio da dança, a Bruxa se afasta e olha para a Árvore. Aproxima-se e tira um de seus papeis. Olha-o e interrompe a dança com sua fala)

BRUXA: Eu lembro! (Todas param de dançar) Eu lembro...

MÃE (apreensiva): É como antes... Ela vai começar a gritar vazios.

BRUXA: Eu sou a primeira mulher! A que ousou desafiar. Desafiar o próprio Deus! Meu espírito livre não se curvou à submissão. E fui rejeitada por minha rebeldia.

MÃE (preocupada e atenta): Bem que a Velha disse! Ela está doente! Não vê como delira?!

BRUXA: Minha voz ecoou nas sombras, clamando por justiça e igualdade. Rejeitei o domínio sobre mim e desafiei as correntes da servidão.

MÃE: São loucuras! E podem nos contaminar!

BRUXA: Não! Eu me lembro claramente.

DONZELA: Deixe que ela fale! São lembranças!

BRUXA: Fui expulsa de minhas terras, meu paraíso. Mas não fui derrotada. Ergui-me como uma serpente astuta. Meu poder é antigo, inquebrável. Sou a encarnação da resistência, a personificação de nossa força.

(Bruxa se aproxima do público.)

BRUXA: Meu nome é o eco de um tempo esquecido, o sussurro dos desejos proibidos. Sou a chama ardente que queima nas profundezas da alma humana.

(Mãe tenta intervir, mas é contida pela Anciã).

BRUXA: Eu sou o enfrentamento, a negação da submissão. Embora silenciada, minha essência permanece. Imortal. Ergo-me aqui contra as correntes que nos aprisionam.

CENA 2 – Trançando memórias

ANCIÃ: Hum... Muito foi dito e é preciso tempo para que cada uma assimile um pouco de si. Cada uma de nós tem seu próprio ritmo e cada voz tem seu momento de se fazer ouvir.

BRUXA: Velha, antes de lembrar, encontrei isso na árvore e puxei. Senti que me pertencia. Mas não sei o que está escrito.

ANCIÃ: Você não sabe ler, mas sabe o que está escrito. Nós sabemos. É uma intuição, um chamado. Você já até nos disse o que tem aqui.

BRUXA (devolvendo o papel para a Anciã): Tome.

ANCIÃ: É seu. São suas. (volta-se para guardar os instrumentos) Ah! E não me chame de Velha. Me chame de Irmã, de Vavó, de Mulher, de um nome qualquer que nos una. Sou muito mais do que meus cabelos brancos. (ri e começa a guardar os instrumentos)

(A Donzela e a Bruxa a ajudam sob o olhar atento e apreensivo da Mãe.)

MÃE (para a Anciã): Mas você ainda não nos disse que lugar é esse.

ANCIÃ: Posso e vou lhe dizer. Mas sua pergunta deveria ser: O que esse lugar significa pra mim?

BRUXA: Pra mim, é um espaço de força, de energia.

DONZELA: Talvez, esperança.

MÃE: Esse lugar... Ainda não significa nada pra mim. Então, peço que me diga: pra você, o que é esse lugar?

ANCIÃ (para Bruxa e Donzela): Ainda bem que vocês foram rápidas na fuga... Mais um pouco e teríamos outra longa espera a tear... (para a Mãe) Mas já que você pede uma definição... Hum... O que posso dizer... Este é o santuário onde a sabedoria ancestral é preservada.

DONZELA: E aquela árvore?

ANCIÃ: Aquela, minha jovem, é a Árvore das Palavras que ecoam e nos conectam. (Fala enquanto retira dos baús as folhas escritas e as pendura na Árvore) Cada palavra pendurada em seus galhos é um fragmento de nossa verdade perdida.

(A Mãe se afasta. Enquanto isso, Donzela e Bruxa se aproximam para ajudar a Anciã a pendurar os papéis)

BRUXA: Cada pedaço de nós está guardado nesse lugar, não é?

ANCIÃ: Desde tempos idos... E cada uma de vocês tem aqui o poder de resgatar suas memórias perdidas. (para a Mãe) Mas... Nem todas as lembranças são fáceis de encarar.

DONZELA: Será que eu consigo?

ANCIÃ (para de pendurar os papéis e se aproxima da Donzela, interrompendo o rumo da conversa): Que cabelos bonitos você tem! Hum... (com alegria) Me deu vontade de fazer tranças... Você deixa?

MÃE (irônica): Trança? Mas que perda de tempo...

BRUXA: E você continua marcando o tempo do que vamos fazer? Assumi mesmo esse papel?

MÃE: Apenas acho que eles podem nos seguir e que aqui não estamos seguras.

DONZELA: Mas eu quero fazer tranças!

MÃE (afastando-se novamente): Pois eu prefiro tomar mais café! Ao menos me deixa alerta!

ANCIÃ (para a Donzela): Hum... Já que quer fazer tranças, eis aqui meus cabelos. Você faz! (Anciã se senta em frente à Donzela)

(Donzela também se senta, mas fica parada por um tempo, olhando para os cabelos da Anciã)

ANCIÃ: O que foi? Não quer mais fazer tranças?

DONZELA: Quero, mas não sei ao certo se sei como fazer... Você poderia...

ANCIÃ (interrompendo-a): Desde que chegou aqui, observei que você pergunta muitas coisas. Você sempre foi assim questionadora?

(Bruxa chama uma mulher da plateia e pede para que ela se sente para fazer-lhe tranças. A ideia é que se faça um círculo ou uma fila em que elas façam tranças umas nas outras enquanto a cena prossegue)

MÃE: Ela fala demais e sempre pergunta demais...

ANCIÃ: Hum... Você já deve ter deixado muita gente incomodada com essa mania de questionar tudo. Mas, por outro lado, é sinal de que você sabe de muita coisa. Tenho certeza que sabe fazer tranças. Tente.

(Donzela inicia uma trança nos cabelos da Anciã. Todas seguem na ação)

BRUXA: Eu e minhas irmãs de outros tempos gostávamos de contar histórias enquanto trançávamos os cabelos umas das outras.

ANCIÃ: Ah! Mas que ideia maravilhosa! Quem pode, então, começar uma história? Contar um segredo?

BRUXA: Posso dizer algumas coisas que vi.

ANCIÃ: Pois comece.

BRUXA: Em tempos idos, vi mulheres com muitos dons. Elas eram muito corajosas. Mas eu lembro de uma. Ela tinha um olhar forte e uma verdade dentro do coração. Eu a vi em algumas batalhas, empunhando espadas, galopando cavalos, mesmo quando diziam que apenas homens podiam fazer isso.

ANCIÃ: Hum... Que interessante! Agora sou eu! Vamos lá... O que posso contar? (pensa um tempo) Ah! Já sei! Uma vez me disseram que eu não podia mais ir às festas porque já era tempo de eu descansar. Tinha um casamento de uma sobrinha muito querida e eu fui. Pedi pra dançar com o noivo. Ele, com seus sapatos, e eu descalça. Era um ritmo assim

acelerado e ele ria no início. Mas já na terceira música, ele estava exausto e eu (ri), que entendo do gingado, procurei outro parceiro que segurasse meu molejo! (ri)

DONZELA: Que estranho... Eu... Eu trago em meu coração uma história...

ANCIÃ: Pois fale, conte pra nós...

DONZELA (sua voz tem uma mudança, como se, enquanto ela falasse, o tom se tornasse mais amadurecido e confiante, diferente do aspecto mais infantil de até então): É uma história de um desafio e suas consequências. De uma ação que desencadeou no poder uma crise repentina. E uma reação tirânica.

MÃE (temerosa): Ela também está delirando como a outra... (para si e quem estiver perto) Vir pra cá pode não ter sido bom.

(Mãe, sem que as outras percebam, vai se aproximando da Árvore e procurando algo. Aos poucos, ela retira alguns papéis, lê e os guarda consigo. Ela fará essa ação enquanto transcorre a cena da Donzela.)

BRUXA (para a Donzela): Quem fez o desafio? Continue...

DONZELA: Uma jovem... Ela ousou transgredir as leis do tirano. Seus irmãos lutaram entre si, derramaram o sangue um do outro no campo de batalha. Em nome do tirano, um deles morreu e recebeu as honras fúnebres. O outro, por opor-se a ele, teve seu corpo privado do choro dos seus.

ANCIÃ: E dos ritos ou da certeza de seu paradeiro... Lembro de uma mãe procurando o corpo do filho que sumiu... Nas margens, muitas são as almas não veladas.

DONZELA: Diante dessa injustiça, minha consciência gritou, implorando que eu agisse. Eu não podia permitir que o corpo de meu irmão fosse exposto à indignidade, entregue às aves de rapina e aos cães famintos. Não! Minha lealdade exigia uma resposta.

(As mulheres terminam as tranças. Anciã e ela se viram para observar a Donzela que se levanta e segue, de forma frenética sua história)

DONZELA: Em segredo, sob o manto da noite, com minhas próprias mãos, encontrei, enterrei, cobri de terra sagrada, fiz oferendas e velei o corpo, para que a alma tivesse descanso. Não se pode negar o luto nem ao seu maior inimigo!

(Mãe, com os papéis escondidos, se afasta da Árvore e se aproxima de onde estão Donzela, Anciã e Bruxa)

MÃE (para a Donzela): E o que aconteceu depois disso?

DONZELA (aproximando-se da Mãe com calma e segurança): Eu não fazia ideia da dimensão do meu ato. Não. Eu não fui contra um homem apenas. Não. Me pus contra os princípios que regem nossa sociedade.

MÃE: E, quando o sol nasceu, suas ações foram descobertas. Por isso, estava lá... Você, assim como ela (aponta para a Bruxa), estava lá para ser apagada da existência.

DONZELA: Podem ter me condenado à morte sim, mas enfrentei o veredito final, o abismo da escuridão que me engoliria. Encarcerada, destinada a passar meus dias em solidão e esquecida de mim, é verdade. Mas, minha luta não foi em vão.

ANCIÃ (erguendo-se e se aproximando da Donzela): Não. Suas atitudes foram justas. Mesmo diante da cruel sentença, você se manteve firme.

BRUXA: Minha irmã, seu espírito vive e seu exemplo é inspiração para não calarmos nossa coragem e nossa luta por aquilo que acreditamos.

ANCIÃ (caminhando até a Árvore): Eu já sabia... Pensei apenas que a forma de você recordar seria diferente. Por isso, sugeri as tranças. Um cuidado, como o que você teve. Mas sempre soube (ela busca alguns papéis e os colhe), você é muito mais do que uma jovem perdida, uma donzela desamparada.

(Anciã entrega os papéis para a Donzela e se volta para a Mãe)

MÃE (afastando-se na direção do caminho de entrada da clareira): Já entendi o que é esse lugar. Você (para a Anciã) quer que nos lembremos ou que inventemos histórias pra nós mesmas. Acha que está fazendo uma boa ação, não é? Mas eu já disse: Não estava lá para ser esquecida! Não estava presa ou perdida como as outras. Eu queria esquecer!

BRUXA: Por isso, não queria ficar aqui.

MÃE: Assim que cheguei e olhei pra ela (aponta para a Árvore) eu pensei: É uma armadilha. Muito sutil, é verdade. Mas uma armadilha!

ANCIÃ: Já disse que cada uma tem seu tempo. E eu respeito o tempo que me é dado.

MÃE: Pois eu acho tudo isso uma grande tolice!! (pega os papéis que estavam escondidos consigo e os rasga) Eu não acredito em nada dessas bobagens que vocês estão falando!

(Com raiva, rasga os papéis com força e os solta no chão)

CENA 3 – A Árvore das Palavras

DONZELA: Mas o que foi que você fez?

MÃE: Vocês com sua superioridade. Tão ordeiras e justas. Cheias de lembranças valorosas! Mas não! Nem tudo que temos pra lembrar são acertos.

ANCIÃ: Mas eu disse que algumas lembranças são difíceis de se ter.

MÃE: Então, se são difíceis, por que vou resgatar esses desenganos?! Me diga!

ANCIÃ (calmamente, enquanto recolhe os pedaços de papel do chão): É um direito seu voltar pelo caminho que veio. Pode ir e ocupar o lugar que lhe espera no esquecimento, mas não tem curiosidade em saber de todas as possibilidades que guiam sua história?

MÃE (para a Anciã): Você... Com esse jeito acolhedor, quer nos ludibriar... Mas eu reconheço a dor de ser enganada. E não serei de novo! Se confio nessa dança, nessas tranças, sou levada para o abismo. E eu não vou cair de novo!

BRUXA: Do que você está falando? O que está tentando esconder?

MÃE: Se eu disser, vocês são as primeiras a me expulsar daqui. Tenho certeza. (puxando a Bruxa para perto de si) E você sabe bem a sensação de ser expulsa, não é verdade? (solta-a e olha para outras mulheres) Agora me digam: Posso ser condenada por perder a razão por um segundo? Um instante em que minha alma estava tão dilacerada que eu não resisti. Meu mal foi amar demais, confiar demais e ser enganada. Já disse!

DONZELA: Mas, se lhe enganaram, você não teve culpa.

MÃE (aproxima-se da Donzela): Culpa? O homem em quem confiei, o pai de meus filhos, o causador de minha agonia... Este sim foi o verdadeiro culpado do meu horrendo crime.

BRUXA: Também fui acusada de errada, de criminosa, de causadora dos pecados alheios, por isso fui expulsa, fui queimada, mas você sabe que a verdade não é essa.

MÃE: Verdade... Ah!! A verdade... Estive tanto tempo em uma teia de ilusões e mentiras, lançada nas profundezas do desespero, que já não sei mais o que é verdade. (olha para as mãos) Minhas mãos... Essas mãos que embalaram meu sangue foram as mesmas que sucumbiram ao ódio? Eu fiz isso?

(Anciã volta à Árvore e pega um dos papéis)

ANCIÃ (entregando à Mãe): A lembrança que colheu foi um fruto ruim. Essa é a história tantas vezes repetida. A mulher enganada e abandonada perde a razão, enlouquece, é capaz de tudo para saciar seu ódio. Mas não é bem isso que eu vejo e que vi nesses longos anos.

BRUXA: Da forma que vejo, um homem tomado pela ambição e egoísmo, foi capaz de arruinar a confiança, a vida e os sonhos que uma mulher quis compartilhar.

DONZELA: Levado pelo desequilíbrio, outro, em frente aos próprios filhos, puniu o corpo de uma mãe cansada. A carne em brasa, o espírito dilacerado e a vergonha de tudo deram a ele seguidores. A ela, a culpa por não silenciar.

ANCIÃ: Do meu ponto de vista, o fruto ruim foi uma história que nos chegou aos ouvidos de uma única voz. Mas, se reparar, o papel que lhe entreguei está vazio.

(Mãe olha para o papel e, em seguida, para a Anciã)

ANCIÃ: Quero ouvir o que você pressente. As lembranças que você evita podem revelar verdades que nem nós conhecemos.

(Mãe senta-se ao chão, em frente à Árvore e as demais, enquanto ela fala, começam a recolher alguns papéis dos galhos, enquanto sussurram “Reloj de campana”. Num rito, elas entregam os papéis às mulheres da plateia).

MÃE: A dor que me aflige é imensa. Fui expulsa. E fugi. Fui acusada de algo que preferi esquecer... Nas histórias que escuto, fui sórdida, perversa, insana. Por vingança a um homem infiel e ambicioso, tirei da vida pedaços de mim. É o que dizem... Eu? Que os ninei, que os cuidei como a um sonho muito desejado?! Eu fui capaz de fazer isso por vingança? E meu sofrimento? Não seria maior? Sem eles, eu não estaria mais dilacerada?!

(As três seguem a melodia, enquanto guardam os utensílios)

MÃE: Não. Não foi minha escolha. Tenho a sensação nítida de meus filhos serem arrancados de meus braços! Lembro de eles terem sido levados por outras mãos. Às vezes, vejo-os sair de casa, descendo a ladeira e, num aceno, no fogo cruzado do destino, desaparecem, para nunca mais voltar. Outras vezes, em fila, um a um é levado para lutas que não me pertencem. A quem coube a sentença dessas almas? Quem escolheu o destino de seus silêncios eternos? Não. Não fui eu que devorei meus filhos.

ANCIÃ (aproxima-se da Mãe): Sua lembrança foi revelada. E ninguém pode dizer que não há verdade em cada palavra que disse.

BRUXA: Agora, nós, guardiãs dos mistérios, não seremos silenciadas. Vamos honrar nossas ancestrais e buscar aquelas que se perderam.

ANCIÃ (pega uma urna que está na raiz da Árvore e coloca ao centro da clareira): Antes de partirem, peço que em cada folha em branco queimemos as lembranças que nos doem e deixemos que as cinzas abram o caminho para as lutas que virão.

(Inicia-se o ritual com uma música incidental tocada pelas personagens. Cada uma joga uma folha na urna enquanto a Anciã acende o fogo. Elas saem de cena pelo caminho de onde vieram à clareira, enquanto cantam a música final)

MÚSICA

(Vou Banindo – Espiral: de Claudiney Prieto)

Vou banindo pela terra e ar
Vou banindo pelo fogo e mar
Vou banindo, vou banindo pra purificar
Vou banindo, vou banindo pra exterminar

Espiral, espiral, espiral
Sugue o que há de ruim, leve todo mal
Espiral, espiral, espiral
Sugue o que há de ruim, leve todo mal

FIM